

Economia - Brasil A reforma no Brasil

The New York Times

Como o Brasil é a maior economia da América Latina, seu sucesso ou fracasso sempre será importante para seus vizinhos do hemisfério. Mas raramente seu futuro pareceu tão importante quanto agora, quando o mundo teme que essa crise financeira que começou na Ásia se espalhe pelas Américas.

O mundo, por intermédio do Fundo Monetário Internacional (FMI), deve prover ajuda ao Brasil, mas somente se o País primeiro tomar as medidas necessárias para colocar sua própria casa fiscal em ordem.

As reformas propostas pelo presidente recém-eleito, Fernando Henrique Cardoso, já deveriam ter sido feitas há muito tempo e são de necessidade vital. Mas o presidente provavelmente terá dificuldades para conseguir que o Congresso e os governos dos Estados as adotem. Também medidas não trarão uma recuperação econômica tão já.

As reformas propõem o aumento de alguns impostos e colocar rédeas no sistema previdenciário, o qual tem beneficiado funcionários e pensionistas do governo às custas do restante do País. O fracasso em promover reformas levou a um grande déficit orçamentário que não pode ser mantido. Talvez haja espaço para modificar o plano do presidente, mas, se os políticos brasileiros não aprovarem alguma coisa seme-

lhante a isso, então prestarão um desserviço ao País.

Isto é, na melhor das hipóteses, uma época inconveniente para o Brasil estar passando por um aperto fiscal. A economia do País já foi enfraquecida pelos juros extraordinariamente altos para proteger sua moeda supervalorizada, o real, e esse pacote só permitirá que as taxas de juros sejam reduzidas gradualmente. O País estaria bem melhor se o presidente Fernando Henrique Cardoso tivesse conseguido aplicar tais reformas mais cedo.

O governo insiste que não vai considerar uma desvalorização da moeda e é fácil de entender porque: a reputação do presi-

dente está fundamentada no controle da inflação, o que foi feito vinculando o real ao dólar de uma forma que não permite que a moeda perca mais

**Desvalorização
teria de ser feita
com muita
habilidade para
não destruir
confiança no real**

de cerca de 7% do seu valor ao ano. Uma desvalorização não apenas provocaria um súbito aumento da inflação mas também constitui um risco de destruir a confiança na moeda.

Mesmo assim, todos agora sabem que o real está supervalorizado e isso tem levado a uma fuga de capital. Uma desvalorização pode se tornar necessária. Se isso ocorrer, terá de ser feito com muita habilidade para minimizar o prejuízo para a credibilidade do governo e convencer os brasileiros de que a medida melhorará as perspectivas econômicas e não desencadeará a volta de uma hiperinflação.

ESTADO DE SÃO PAULO

31 OUT 1998